

Confirmação de 12 casos em São Sebastião intriga especialistas. Proximidade do meio urbano com área rural e acúmulo de sujeira também são problemas encontrados em outras cidades do Distrito Federal

Em busca da explicação para o mal

RACHEL LIBRELON

ESPECIAL PARA O CORREIO

São Sebastião é um desafio para a ciência. A cidade que registrou o surgimento de hantavirose no Distrito Federal concentra 12 dos 18 casos confirmados desde maio deste ano. Com a divulgação de mais dois pacientes curados, São Sebastião é um campo de estudo para pesquisadores e autoridades de saúde.

A diretora de Vigilância Ambiental da Secretaria de Saúde, Miriam dos Anjos Santos, reconhece que os pesquisadores ainda vão levar tempo para descobrir por que o surto iniciou em São Sebastião. “Só a conclusão de um estudo de bioecologia — a análise das condições do ecossistema local — vai tirar muitas das nossas dúvidas, mas esse levantamento não vai ficar pronto de

um mês para outro”, afirma.

Por enquanto, Miriam Santos tem hipóteses sobre as causas do surto. Ela cita problemas de alteração no ecossistema local, grande quantidade de chuvas registradas neste ano, hábitos sanitários da população como, por exemplo, a acomodação do lixo.

“**SÓ UM ESTUDO DO ECOSISTEMA LOCAL VAI TIRAR NOSSAS DÚVIDAS, MAS ESSE LEVANTAMENTO NÃO FICA PRONTO DE UM MÊS PARA OUTRO**”

Miriam Santos, diretora de Vigilância Ambiental

Acompanhado pela reportagem do Correio, o biólogo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), Alexandre Zeitune, identificou na cidade, mais de uma dezena de locais na área urbana onde as casas dão fundos para a vegetação. A ocupação irregular do solo tomou conta do habitat natural de roedores e predadores. Pequenas moradias construídas em pontos isolados no meio do capim, às margens da rodovia, também revelam por que a região é vulnerável ao ataque da hantavírus. Mas

Daniel Ferreira



ALEXANDRE ZEITUNE, BIÓLOGO DO IBAMA, ALERTOU PARA A EXTREMA PROXIMIDADE DE CASAS COM A ÁREA RURAL

não dizem porque metade das pessoas que morreram do mal no DF viviam no lugarejo de 64 mil habitantes.

“São Sebastião está perto demais da zona rural”, diz o biólogo. No centro da cidade, casas dão fundos para matas de galeria. Em fazendas muito próximas do perímetro urbano a braquiara — que serve de alimento para os ratos — cresce descontroladamente. Ele acredita que a doença pode estar há mais tempo na cidade, mas só nos últimos meses passou a ser diagnosticada. “Acho que os médicos não levantavam a possibilidade de algumas mortes,

sem causa definida, serem por hantavirose.”

Crescimento urbano

O médico sanitário da Universidade de Brasília (UnB), Pedro Tauil, diz que não existe uma causa decisiva para explicar por que uma única cidade concentrou 12 dos 18 dos casos confirmados da doença. Para ele, a ocupação desordenada do solo, o avanço sobre a cidade sobre área rural, o aumento das chuvas, a pobreza e a falta de saneamento básico — razões apontadas como responsáveis pelo surto — não são características exclusivas da região

de São Sebastião. “Nada garante que outras cidades não possam ser igualmente atingidas pela hantavirose”, avalia o sanitário.

O diretor da Emater em São Sebastião, Sumar Ganen, concorda com o sanitário. Nem mesmo o solo ou o tipo de cultura da região são diferentes de outras áreas rurais do DF. Em Sobradinho, onde há apenas um caso de contaminação, a cidade também cresce sobre a área rural. “O processo de ocupação e desmatamento das plantas nativas em São Sebastião foi semelhante ao de Brazlândia”, exemplifica o engenheiro agrônomo.

Fogo agrava o problema

A Diretoria de Vigilância Ambiental (Dival) da Secretaria de Saúde alerta para os riscos das queimadas. De acordo com a diretora, Miriam dos Anjos Santos, a prática de colocar fogo nas pastagens na tentativa de eliminar os hospedeiros do hantavírus não mata os ratos e ainda provoca sérios danos ao meio ambiente. “As queimadas podem até aumentar a população de roedores”, avisa a diretora.

Segundo Miriam, a espécie hospedeira do vírus no Distrito Federal, o *Bolomys lasiurus*, vive em buracos subterrâneos, onde se esconde até o incêndio acabar. Mas os seus predadores naturais, como as cobras, acabam sendo mortos. Além disso, alerta a diretora, quando o fogo consome a principal fonte de alimento dos roedores, o capim braquiária, eles passam a buscar alimentos junto às casas.

A Vigilância Ambiental também não recomenda a captura dos roedores, devido aos riscos da exposição, já que o vírus é transmitido por aerossóis contaminados por fezes, urina e saliva de ratos. “A única forma de se prevenir é evitar o contato com os roedores”, ressaltou Miriam dos Anjos.

COLABOROU MARIA FERRI